

## DAMAGED LIVES / 1933

*um filme de Edgar G. Ulmer*

**Realização:** Edgar G. Ulmer / **Argumento:** Donald Davis e Edgar G. Ulmer, segundo a comédia "Les Avariés" de Eugène Brieux / **Fotografia:** Al Sieglar / **Consultor Médico:** Dr. Gordon Bates / **Intérpretes:** Diane Sinclair (Joan Bradley), Lyman Williams (Donald Bradley Jr.), George Irving (Donald Bradley Sr.), Almeda Fowler (Sra. Bradley), Jason Robards Se. (Dr. Bill Hall), Marceline Day (Laura Hall), Charlotte Merriam (Elise Cooper), Murray Kinnell (Dr. Vincent Leonard). Harry Myers (Nat Franklin), Victor Potel, Cecilia Parker, Harry Semels, Gladys Blake, Harriossn Greene, Edmund Mortimer, Phillips Smalley, Dorothy Vernon.

**Produção:** Weldon Pictures Corporation, com o apoio da American Social Hygiene Society / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 69 minutos / **Primeiras apresentações públicas:** Toronto, 22 de Maio de 1933; Londres, 18 de Agosto de 1933; Boston, 15 de Setembro de 1933/ Estreia Mundial (alargada): Central, Nova Iorque, 12 de Junho de 1937/ Inédito comercialmente em Portugal / **Primeira apresentação na Cinemateca:** 15 de Maio de 1993 ("Edgar G. Ulmer").

**Notas:** o texto de MCF foi escrito em 1993 para acompanhar a única passagem do filme anterior a esta data, num programa "Edgar G. Ulmer". Precise-se que a sinalização do pré-Código do primeiro parágrafo refere a sua génese em 1930 e implementação efectiva em 1934. Acrescente-se que tido a estreia, em 1933, problemas de censura, o filme só foi reposto de forma alargada em 1937, numa versão revista e acrescentada de "informação pedagógica" (com o título **The Shocking Truth**). Hoje, **Damaged Lives** é tido como um *exploitation* film pioneiro. Esta produção canadiana-americana foi filmada em 1933, em Hollywood, e inicialmente distribuída nos dois países pela "Weldon Pictures" porque a Columbia não quis ficar associada "à temática".

---

A segunda longa-metragem de Ulmer (terceira se contarmos com **Menschen am Sonntag**) data de 1933 e foi feita logo a seguir ao desaparecido **Mr. Broadway**. Contudo só quatro anos depois **Damaged Lives**. A razão deste atraso tem a ver com um senhor chamado Will Hays e o Código de Produção que entrara em vigor no ano em que o filme era feito. Acontece que o filme de Ulmer ultrapassava em muito os limites estreitos impostos pelo Código pelo que teve a sua exibição proibida até 1937. Ao tempo da sua estreia a *Variety* estranhava a razão do atraso, porque o filme vinha como aval "científico" da "American Social Hygiene Society", destinado, como era, a servir de "prevenção" às doenças venéreas. Era, de facto, a referência directa a este tema "tabú", a causa da sua tardia exibição.

**Damaged Lives** parece, pois, um filme de características "educativas", como os filmes de educação sexual e de prevenção que já se tinham feito e voltariam a fazer, principalmente durante e depois da segunda guerra mundial. Ao tempo de **Damaged Lives** outros filmes se faziam denunciando os malefícios da droga e do álcool. Mas praticamente todos tinham uma difusão restrita, eram destinados a fins pedagógicos, mesmo que com um arremedo de

ficção. A encenação pouco mais era do que funcional, sendo a película apenas o papel onde se escrevia a "mensagem". **Damaged Lives** sendo um filme produzido com as mesmas intenções é, porém, algo de bastante diferente. Ulmer pôs nele o mesmo saber e talento que do genial **The Black Cat** [1934] e que é a marca de todos os seus trabalhos: a ligação perfeita entre imagem, cenários e música (que tem uma importância fundamental em todos os seus filmes). Haverá poucos nomes na história do cinema americano que possam reivindicar, como Ulmer, o domínio total de todas as facetas das obras em que trabalhou. E que tudo isto se verifique em filmes de série B, feitos em poucos dias (**Damaged Lives** teve uma semana de rodagem), mas não "em cima do joelho" como se costuma dizer, pois tudo era rigorosamente dominado e controlado, mostra não só o talento de Ulmer mas o seu "sentido de cinema", lição que poderia servir a tantos que arrastam uma produção "em busca de inspiração" (!).

De novo, como em **The Black Cat**, o que primeiro espanta em **Damaged Lives** é a perfeita adequação dos cenários quer à história, quer ao clima psicológico de cada momento. O estilo modernista é dominante, tal como a iluminação com as suas características expressionistas. As sombras das janelas nas paredes, o mobiliário e o cenário espalhados de forma geométrica e utilizados como motivos dramáticos, mostram a influência de Fritz Lang (que com Murnau é a referência maior nos filmes de Ulmer). Uma das sequências mais assombrosas de **Damaged Lives** explora esta relação de uma forma que **The Black Cat** aperfeiçoará de modo inexcelsível: a confissão de Elise e o seu suicídio. No interior do quarto Elise vai pondo Donald ao corrente da "contaminação" (o filme hoje bem poderia servir os mesmos fins de então, mudando apenas o "objecto": a SIDA em vez da sífilis), resultante da noite de amor que tiveram (outra sequência a destacar, por ter, muito possivelmente, influenciado o Código de Produção na proibição do filme, pois ignora completamente um dos temas "proibidos": mostrar um casal na mesma cama, e, na verdade, Donald e Elise não se limitam a "estar" na cama).

Sendo um filme de intenções "moralizantes" (embora Ulmer esteja mais preocupado com a forma narrativa do que com a "mensagem") não falta, naturalmente, o inevitável "happy-end", mas formalmente este só chega depois de uma espantosa sequência, a tentativa do duplo suicídio. Aqui a influência é, mais uma vez, Murnau, particularmente a sequência da tentativa de assassinato da mulher em **Sunrise** (filme em que Ulmer trabalhou), mas também, Borzage (o clima onírico das suas tragédias, de **The Seventh Heaven** a **Little Man What Now?**, em que Ulmer também trabalhava. Joan contempla o marido a dormir no divã e depois dirige-se para a cozinha onde abre o gás. Depois vem deitar-se a seu lado, no chão. E há aquele leve gesto, que provoca um arrepio, em que lhe agarra na mão e a beija, focando o plano as duas mãos enlaçadas. Pouco mais do que isto, até ao despertar de David, que evita a tragédia, abrindo a janela num plano que Borzage não hesitaria em assinar. Vem depois o telefonema tranquilizador, anunciando a possibilidade da cura e felicidade. Mas tudo já está dito e mostrado nessas imagens inesquecíveis.

Manuel Cintra Ferreira